

MULTIPLICIDADE NO FEMININO

Comemoram-se os 50 anos do primeiro alistamento de Mulheres nos quadros da Polícia de Segurança Pública (PSP). Em 1972, num concurso exclusivamente feminino, foram admitidas 312 mulheres de um universo de 677 candidatas e terminaram o curso 232.

A PSP foi a primeira força e serviço de segurança em Portugal que admitiu mulheres nas suas fileiras.

Contudo, a presença feminina na polícia remonta aos anos 30 com a admissão das primeiras guardas na Polícia de Lisboa, restringindo-se as suas funções à vigilância de mulheres e crianças, serviços assistenciais, revista de meretrizes e gestão operacional de chamadas telefónicas policiais, restrições funcionais que se manteriam durante todo o Estado Novo.

Usar uma farda, cabelo apanhado e ter o poder de proteger outros cidadãos foi um grande passo rumo à emancipação feminina, que contradizia a realidade social vigente, cheia de imposições à imagem e de conduta da Mulher Portuguesa.

As Mulheres eram pressionadas a escolherem entre profissão e família. Na sua maioria, a única opção era a família, sob pena de serem 'menosprezadas' pela sociedade. Sempre houve um estigma na sociedade do Estado Novo em relação à Mulher, que permaneceu e aos poucos se vai esbatendo em Democracia: a Mulher não abandona a família, os filhos, o lar. Esta é uma pressão muito grande e enraizada. Como descreve Francis Fukuyama "a sociedade em geral não deixa subitamente de pensar em si mesma em termos de grupos. Os fardos psicológicos da discriminação, do preconceito, do desrespeito ou da simples invisibilidade permanecem enraizados na consciência social".

Na Arte, esta dissonância de género também se fez sentir. A primeira mulher artista nasceu em 1593, Artemisia Gentileschi-Lomi, conhecida coletivamente como a "única Caravaggista do mundo", foi uma pintora barroca italiana, considerada hoje uma das pintoras mais bem-sucedidas da sua época, mas que ainda assim, não se ensina nos livros de História. Poucas artistas na História deixaram uma herança tão forte quanto Artemisia Gentileschi-Lomi, nomeadamente o seu intelecto que desafiava o mundo da arte dominado por homens naquela época, com o objetivo de se estabelecer como uma artista respeitada. A sua pintura progressista, e hoje considerada feminista, foi completamente eliminada pela violação que sofreu no séc. XVII e por ter participado ativamente no julgamento do violador.

Na História da Arte, para lá das exceções, a intervenção ou o papel da mulher na Arte é pouco representativa, mantendo-se a disparidade entre o número de artistas masculinos e femininos. E não só. Verifica-se também que o número de homens e mulheres representados na Arte indica o contrário, esta tendência inverte-se, havendo um predomínio da representação da figura feminina. Na Arte, a mulher não é o sujeito que produz, é o objeto produzido.

O facto de se reconhecerem algumas artistas escultoras e pintoras, como Artemisia Gentileschi-Lomi, Angelica Kauffmann, Lygia Pape, Clara Menéres ou Josefa d'Óbidos, e mulheres com outros cargos e profissões maioritariamente masculinas, como as primeiras Mulheres Polícia, não invalida que a presença da mulher enquanto sujeito seja residual na História social e artística. A constatação deste facto mostra que menosprezar a mulher, dando justificações sem sustentação sociológica, cria implicações negativas no futuro da sociedade.

Num contexto de uma sociedade androcentrista, do século XIX aos meados do século XX a intervenção da Mulher na área social, cultural, económica e política era residual ou quase nula, impondo-se constantes restrições às suas capacidades para ter uma profissão como Polícia ou Escultora. À mulher era simplesmente negado o espaço fora das fronteiras do lar, assim como o seu direito à expressão. Mesmo quando se começou a identificar o nome de mulheres em determinadas áreas, vinham, em regra, citadas em função da sua relação com os artistas-homens ou chefes-homens que, de alguma forma, as relegavam para um segundo plano. Dessas artistas destacamos: Sarah Afonso, que viveu à sombra de Almada Negreiros; de Berthe Morisot e Eugène Manet; de Camille Claudel e Auguste Rodin; Frida Kahlo e Diego Rivera.

O passado não se reverte, como a História não se faz só de um lado. Toda e qualquer História passa por documentar o presente sem olvidar o seu referencial identitário do passado e preservando as suas memórias, projetando-se para o futuro.

A presente exposição pretende mostrar e refletir sobre o papel e enquadramento das mulheres contemporâneas, sem nunca esquecer o desempenho das várias gerações de mulheres que têm vindo a reivindicar e a assumir o seu lugar na sociedade. Compreendermos as razões inerentes que levaram as mulheres a serem relegadas de profissões propaladas como masculinas, quer na arte, quer na segurança, quer na política, de modo a proporcionar de uma forma construtiva e inclusiva novas oportunidades e a valorização ética e equitativa da mulher.

A mulher é cada vez mais um sujeito de segurança, de ação social, de produção artística, cultural e política imprimindo na Sociedade uma dinâmica mais democrática.

A Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e o MUP | Museu da Polícia de Segurança Pública apresentam a primeira exposição conjunta de duas instituições dispare, mas que se complementam nesta MULTIPLICIDADE NO FEMININO, patente no auditório António Aleixo, do MUP| Museu da Polícia em Lisboa, 18 de maio de 2022.

A exposição conta com nove obras de jovens escultoras, interligadas e em simbiose com uma exposição de fotografias e vídeos (disponibilizados pelos Arquivos da RTP) das Mulheres Polícia Portuguesas.

Multiplicidade feita por mulheres, que nos apresenta hipóteses de diálogo entre a vertente física e imaterial, cultural e social femininas. Revisitando temas vulgarmente negligenciados como a profissão, o corpo feminino, a sua posição na arte e na sociedade, esta exposição constitui-se, assim, como ferramenta pedagógica para o estudo da transmissão da memória coletiva e da importância das mulheres na sociedade, inseridas no meio profissional no presente e para o futuro, na Polícia, na Escultura e no que desejarem.

Luzia Alves e Michele Soares
Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa
MUP | Museu da Polícia de Segurança Pública
20 de abril de 2022

AAVV. Revista Polícia Portuguesa V Série, N.º 3, (out — dez, 2020).

Fukuyama, Francis. 2018. Identidades: a exigências de dignidade e a política do ressentimento. Lisboa: Dom Quixote

Pimentel, Irene Flunser, e Melo, Helena Pereira (2015). Mulheres portuguesas: História de vida e dos direitos das mulheres num mundo em mudança. Lisboa: Clube de Autor.

Pinto, Filipe Pinto, Araújo, David Araújo, e Tomás, Sérgio Tomás. 2014. Desigualdades entre os homens e as mulheres antes do 25 de Abril, RTP Ensina.

RTP, Um Dia Com... Rosália Miranda, RTP Arquivos (1972)

Soares, Michele.2021. Mulheres com Autoridade: quotidianos e memórias das décadas de 70 e 80. Projeto de Tese de Doutoramento em História, especialidade em História Contemporânea. FCSH — Universidade Nova de Lisboa.